

a rainha

andrew morton

Tradução de Fernanda Semedo

Para a minha mãe, Kathleen, e todos os da geração da guerra.

ÍNDICE



<i>Introdução: Navegando com Sua Majestade</i>	11
1 Shirley Temple 2.0	17
2 Bombas à Hora de Deitar	39
3 Um Passeio na Charneca	61
4 A Princesa Descalça	79
5 A Glória da Coroação	95
6 Corações e Coroas	111
7 Segredos, Escândalos e Espiões	127
8 Um Assunto de Família	143
9 Eis Que Chega Diana	165
10 Casamentos Vistos ao Microscópio	181
11 <i>Annus Horribilis</i>	199
12 Flores, Bandeiras e Força de Espírito	221
13 Dois Casamentos e Dois Funerais	239
14 « <i>Good Evening, Mr. Bond</i> »	261
Fotografias	283
Créditos das Fotografias	301
Agradecimentos	303
Notas	305
Bibliografia Seleccionada	323

INTRODUÇÃO



Navegando com Sua Majestade

Todos se lembram da primeira vez que viram a rainha. No meu caso realizava a minha primeira grande viagem como correspondente de assuntos régios para um jornal britânico e recordo-me de testemunhar, assombrado, a lenta entrada do iate real *Britannia*, prístino e resplandecente sob os reflexos do sol, na baía de San Diego. Estávamos em fevereiro de 1983 e esses poucos dias na companhia da rainha e do duque de Edimburgo transformaram a minha vida.

O iate real estava rodeado por uma ruidosa armada de boas-vindas constituída por lanchas rápidas, iates, catamarãs, esquifes e canoas. Era sábado de manhã quando o iate atracou e a comitiva real assomou. A viagem de nove dias da rainha pela Califórnia, terra de *surf*, sol e sonhos idealistas, devia ser um percurso cuidadosamente organizado pelo melhor que o Golden State^{*} tinha para oferecer, desde o artifício de Hollywood até ao esplendor do Parque Natural de Yosemite. Contudo, se o périplo fosse uma peça da Broadway, ter-se-ia chamado *A Viagem Que Correu Mal*.

Nesses dias distantes, quando a família real chegava a um novo país, oferecia com alguma relutância uma receção à imprensa, que lhe seguia todos os passos. Então, todo aperaltado, dei por mim a estender o meu convite gravado a ouro a um oficial da Marinha de serviço e convidado a aceitar um gim tónico — de dimensões navais e substanciais — no convés posterior do iate real.

Isto fez-me recuar a um dia enevoado de outubro de 1965. Eu tinha 11

^{*} *The Golden State*, cuja tradução seria O Estado Dourado. (N. de T.)

anos e, envergando orgulhosamente o meu uniforme engomado de escuteiro, tomei o meu lugar à beira da estrada, nos arrabaldes de Leeds, para ver a passagem da rainha e do príncipe Filipe a caminho da inauguração do seu novíssimo e gigantesco Centro Cívico de Seacroft.

Ao passarem por mim, os dedos claustrofóbicos e húmidos do nevoeiro combinaram-se com a brilhante luz interior do *Rolls-Royce* com teto de vidro, intensificando o efeito de dois seres exóticos vindos do espaço sideral, criaturas alienígenas, chegadas para testemunhar a mundana vida municipal. Foi apenas um vislumbre da rainha e do seu consorte, mas ficou-me gravado.

A rainha tinha feito parte da minha vida desde sempre. Durante o meu crescimento, a rainha e a sua família eram como os penhascos brancos de Dover — imutáveis, inexpugnáveis, sempre ali. Um facto da vida, como respirar.

Claro que a sua imagem aparecia em selos e moedas, e olhava-nos com censura por trás da secretária do diretor da escola antes de nos administrarem o castigo. No cinema Regal, em Cross Gates, murmurávamos regularmente o «God Save the Queen», o hino nacional, depois de vermos a oferta infantil dessa semana — o filme de 1963 do cantor Cliff Richard, «Summer Holiday», sobre um grupo de amigos que percorriam a Europa a cantar e a dançar num autocarro londrino de dois andares, era um dos favoritos. A rainha, para os meus olhos juvenis, não era um ser humano real. Era um símbolo distante, uma personagem ocasionalmente sorridente, que falava um inglês difícil de compreender quando nos reuníamos em frente da televisão às três da tarde para ver a sua transmissão no dia de Natal.

Para mim, a sua única dimensão humana era o facto de ela ser alguns meses mais nova do que a minha mãe e ambas terem estado ao serviço aquando da Segunda Guerra Mundial: a minha mãe, Kathleen, no exército terrestre e a princesa Isabel no Serviço Territorial Auxiliar.

Nesse sábado em San Diego, devo confessar que o meu primeiro encontro com Sua Majestade foi menos do que memorável. A minúscula senhora, com um vistoso fato azul e branco, ouvia cada vez mais distraída enquanto eu divagava acerca das impressionantes dimensões da frota americana ancorada no porto. Concordou e afastou-se rapidamente.

Os dias seguintes, contudo, fizeram cair um pouco da máscara da monarquia, revelando uma personagem ligeiramente diferente da aparência severa nos meus selos. A visita tornou-se na verdadeira antítese de um programa digno da realeza, onde cada movimento e cada aparição pública eram cronometrados ao minuto. Com ventos fortes, tempestades no mar, rios a transbordar,

manifestantes do IRA, estradas alagadas, celebridades ébrias, o que foi que não correu mal?

A rainha parecia deveras encantada quando a agenda, cuidadosamente elaborada, ia pelos ares. Anos mais tarde, o seu neto, o príncipe William, fez a mesma observação. «Eles adoram quando as coisas correm mal», disse. «Simplesmente adoram porque, como é óbvio, tudo tem de estar sempre certo, mas quando as coisas correm mal em volta deles são os primeiros a rir.»¹

A primeira coisa que correu mal foi com o iate real. As tempestades eram tão fortes que o séquito teve de deixar o *Britannia* e percorrer um caminho em montanha-russa através da costa, para se juntar ao presidente e à primeira-dama num almoço de *tacos* e numa cavalgada no seu Rancho del Cielo, acima de Santa Bárbara. Foi necessário uma trepidante viagem de 11 quilómetros num *Chevrolet Suburban* de tração às quatro rodas, através de um percurso íngreme com ribeiros a transbordar, estradas submersas, pedras em queda e ramos de árvores tombados, para chegar ao destino. Foi tudo «terrivelmente excitante», disse a rainha. Infelizmente, um muito esperado passeio a cavalo nas pitorescas montanhas de Santa Ynez foi cancelado e os *tacos* foram comidos dentro de casa.

Em seguida, um tornado sobre Los Angeles impediu o iate real de sair de Long Beach e inundou os caminhos na doca onde o barco estava atracado. A única forma de atravessar as águas que subiam foi num autocarro da Marinha com eixo elevado. A rainha, não querendo desiludir as pessoas, calçou um par de galochas e subiu para o banco da frente. Os agentes dos serviços secretos respiraram de alívio por ela não se ter sentado mais atrás, porque durante a sua rápida inspeção descobriram que o autocarro tinha uma boa quantidade de inscrições obscenas garatujadas nas costas dos bancos.

Depois dessa experiência, Reagan, um tanto contrito, escreveria mais tarde à rainha: «Sei que a sua visita à costa oeste se tornou numa experiência penosa e atribulada, mas, ao longo de tudo isso, o seu infalível sentido de humor e graciosidade conquistaram os corações do nosso povo.»²

Devido ao fiasco organizativo, uma compreensível e visivelmente nervosa Nancy Reagan foi a anfitriã numa noite de estrelas de Hollywood no palco de som de *M*A*S*H*, na Twentieth Century Fox, em Beverly Hills. Embora Frank Sinatra e Perry Como talvez tivessem cantado um dueto a mais, parece que a rainha desfrutou do entretenimento, que incluiu Dionne Warwick, o cómico George Burns e encontros com estrelas como Fred Astaire e Jimmy Stewart.

Foi outra pista para a mulher por trás da máscara. Os seus gostos em música e arte não são elitistas. Conhecia a maior parte das letras dos musicais

de Rodgers e Hammerstein. Ao contrário da irmã, a princesa Margarida, não apreciava especialmente ópera ou bailado. Apesar do seu bom ouvido musical, não era grande frequentadora de concertos.

Nessa noite o contingente britânico estava presente em força, com Michael Caine, Roger Moore, Jane Seymour e Elton John entre as celebridades.

Num jantar mais íntimo para cerca de 30 pessoas, a bordo do iate real, na baía de São Francisco, a rainha e o príncipe Filipe receberam o presidente e a primeira-dama quando estes celebravam o trigésimo primeiro aniversário de casamento. A banda dos Royal Marines tocou a «Valsa de Aniversário» no cais e mais tarde o chefe de gabinete adjunto da Casa Branca, Michael Deaver, fez uma serenata ao piano, cantando *True Love* para o casal. Reagan contou aos presentes que, quando casara com Nancy, lhe prometera «muitas coisas, mas não isto».³ Entre os convidados dessa reunião íntima estava o pregador Billy Graham e a sua mulher, convidados especiais da rainha. Foi outro vislumbre da sua personalidade, a fé cristã da rainha inspirando uma longa amizade com o carismático pastor americano.

No dia seguinte o casal real foi para o Parque Nacional de Yosemite, onde se alojou no exclusivo Hotel Ahwahnee, com uma vista espetacular para a formação rochosa de mais de 400 metros chamada Royal Arches.

Quando saíram para um passeio ficaram desconcertados por encontrarem os serviços secretos americanos a segui-los de perto. Por mais depressa que andassem, os agentes estavam logo atrás. Em Inglaterra as coisas não se faziam assim, os guarda-costas sabiam manter a distância.

A princípio, o casal real ficou irritado. Então começaram a fazer uma brincadeira, caminhando às arrecuas para que os agentes tivessem de os imitar. Andaram para trás e para a frente, até que, por fim, todos desataram a rir. Não era, de todo, o comportamento esperado de uma chefe de Estado, mas foi mais uma pista para o caráter da rainha, uma mulher que tinha um gosto pelo absurdo.

Ali estava uma mulher cuja vida foi feita de superlativos: o reinado mais longo, a mais viajada e, para uma pessoa tímida, a mais gregária, encontrando-se cara a cara com mais súbditos do que qualquer outro soberano. Quando o presidente francês lhe perguntou, em certa ocasião, se alguma vez se aborrecia, ela respondeu honestamente: «Sim, mas não o digo.»⁴ Numa era de celebridade e artifício, há muito que ela se contentava em ser pragmática e franca.

Aparecia regularmente na «Lista dos Ricos» do *Sunday Times* mas gostava de calçar luvas de borracha para lavar a loiça depois de um churrasco na sua propriedade de Balmoral, na Escócia. Na sua cabana de madeira favorita foi certa vez sugerido que se colocasse uma placa a dizer: A RAINHA ISABEL

VARREU AQUI.⁵ Embora vivesse em palácios e castelos, parecia desfrutar de uma vida mais normal. Era uma mulher jovem, lançada para um papel extraordinário. Ainda criança, já era uma das pessoas mais faladas do planeta.

E algumas pistas iniciais, para descobrir quem ela era e no que se tornaria, podiam ser encontradas no último andar de uma casa no centro de Londres, há quase um século.



S h i r l e y T e m p l e 2 . 0

A menina de testa franzida e expressão atenta inclinava-se furiosamente sobre o livro. Virava com cuidado as páginas e então, quando via o que procurava, pegava na caneta e garatujava ou riscava as palavras ofensivas.

Doctor Simpson, risco. *Doctor Simpson*, garatujo. Que este doutor Simpson não passasse de uma personagem num dos livros infantis no quarto das crianças era irrelevante para a zangada menina de 10 anos.

Enquanto a princesa Isabel prosseguia a sua tarefa solene e destrutiva, a irmã mais nova, Margarida, brincava com os bridões, freios e selas dos cavalos de madeira que enchiam o quarto. Estava concentrada no seu mundo de faz-de-conta, alheada da raiva da irmã em relação a uma certa Mrs. Simpson que nesse momento alterava indesejavelmente as vidas de todos. Alheada também das multidões crescentes que se acotovelavam sob a obscuridade invernosa para assistir às idas e vindas no número 145 de Piccadilly, a casa em Londres dos seus pais, o duque e a duquesa de York.

Afinal, elas tinham passado a vida a espreitar do seu quarto no último andar, vendo pessoas a observá-las, cada um dos lados perguntando-se o que o outro estava a fazer. Era um jogo que duraria toda a vida.

Desta vez, porém, as multidões eram maiores e a atmosfera dentro da mansão com fachada de pedra era tensa e apressada. As campainhas da porta da frente, com as etiquetas VISITAS e CASA, tocavam mais frequentemente e, enquanto as multidões de curiosos e preocupados cresciam, a polícia foi destacada para o local.

O nome Simpson foi primeiro sussurrado, tornando-se depois parte de conversas recriminatórias que eram abruptamente interrompidas quando as raparigas se aproximavam. Por mais que os pais tentassem proteger Lilibet — o nome familiar da princesa — e a irmã, ela era sensível às disposições e aos ritmos. Gostava de apanhar uma ocasional deriva na conversa, especialmente porque, desde o seu décimo aniversário, desfrutava do privilégio de tomar o pequeno-almoço com os pais, e ocasionalmente com a avó, a rainha Mary. Assim conseguia recolher migalhas de informação que eram negadas à irmã mais nova, não que Isabel tivesse idade suficiente para perceber o que se passava.

Apenas sabia que no centro do enigma estava a tal Simpson. Havia provas por todo o lado. O seu pai estava visivelmente doente; a avó, a rainha Mary, habitualmente direita como um fuso e imperiosa, parecia envelhecida e um tanto encarquilhada; a atitude geralmente bem-disposta da mãe tinha-a, por uma vez, abandonado. O facto de, no princípio de dezembro de 1936, a duquesa ter adoecido com uma gripe séria e ter ficado de cama também não ajudou.

Quando Isabel perguntou às três mulheres da sua vida — a precetora, Marion Crawford, a criada, Bobo MacDonald, e a ama Clara Knight, conhecida como Alah — o que se passava, as respostas foram evasivas, desvalorizando a questão. De facto, Crawfie levava muitas vezes as meninas a aulas de natação no Bath Club, como uma distração necessária. Este triunvirato pragmático servia às raparigas como janela para o mundo, as suas observações educadas e preconceitos afetados influenciando as reações de Lilibet e Margarida. No que dizia respeito às princesas, o nome Wallis Simpson era tabu na casa de York. Então Isabel percorreu os seus livros, riscando e garatujando, numa tentativa fútil de apagar do seu mundo o nome da mulher que mudaria para sempre a sua vida e a dos seus pais.

Isabel tivera um breve contacto com Wallis Simpson na primavera de 1936, depois de ter celebrado o seu décimo aniversário. Esta não lhe causara grande impressão. Simpson chegara com o seu tio David, o novo rei Eduardo VIII, para visitar os seus pais na casa de fim de semana, a Royal Lodge, nos terrenos bem cuidados de Windsor Great Park. O tio viera para mostrar os dois interesses americanos na sua vida — um *Buick* desportivo novinho em folha, e o seu outro fascínio, uma senhora de Baltimore já casada duas vezes, Wallis Simpson. Depois de partirem, Isabel perguntou à precetora Crawfie quem era aquela mulher. Era responsável pelo facto de o tio David os visitar tão pouco ultimamente? Entre todos os irmãos e irmãs do pai, ele tinha sido a visita mais frequente no número 145 de Piccadilly, e depois do chá juntava-se

às raparigas para jogos de cartas infantis. Era sempre divertido, e Isabel lembrava-se daquela vez em que ele levava a duquesa e as meninas ao jardim de Balmoral e as ensinara a fazer a saudação nazi — entre muita hilaridade.

Embora a resposta de Crawfie às perguntas de Isabel acerca da elegante americana não fossem comprometedoras, a precetora escocesa deu por si a gostar bastante de Mrs. Simpson, descrevendo-a mais tarde como uma «mulher elegante e atraente, com aquela amigabilidade imediata comum às mulheres americanas».⁶ O mesmo não aconteceu com os seus patrões. Depois de passarem uma hora de convívio, discutindo jardinagem e tomando chá com o novo rei e a sua amante, Wallis ficou com a impressão de que «enquanto o duque de York tinha apreciado o carro desportivo americano, a duquesa não gostara do outro interesse americano do rei».⁷

Na altura, foi a presença das filhas dos York, e não o contingente americano, que forneceu o principal tema de conversa. «Eram ambas tão loiras, com maneiras tão magníficas, tão cintilantes de limpeza, que podiam ter saído diretamente das páginas de um livro», recordou Wallis nas suas memórias, *The Heart Has Its Reasons*.⁸ Isabel e Margarida eram, como as crianças muitas vezes são, usadas pelos adultos como o equivalente humano dos livros decorativos na mesa do café, a sua presença uma distração que permitia uma conversa neutra, uma forma de evitar os assuntos perigosos dos adultos. Quando conheceram Wallis Simpson, as meninas estavam habituadas a ser usadas desta forma, crianças de maneiras impecáveis apresentadas às visitas adultas para ajudar a quebrar o gelo da conversação.

Foi o mesmo quando viajaram para a Escócia naquele fatídico verão, para ficarem na modesta casa Stuart chamada Birkhall Lodge, perto de Balmoral, a propriedade comprada pela rainha Vitória e que ainda hoje é como voltar atrás no tempo. O convidado principal dos York era o arcebispo de Cantuária, Cosmo Lang, que aceitara o convite quando o rei, que tradicionalmente convidava para Balmoral o prelado protestante sénior de Inglaterra, o deixara pendurado. Ao invés, ao cimo da estrada, em Balmoral, ele e Wallis reuniram um animado grupo de hóspedes aristocratas, americanos e parentes da realeza, incluindo o seu primo em segundo grau Louis Mountbatten e o seu irmão mais novo, o príncipe George, com a mulher, a princesa Marina.

Depois do chá, no segundo dia da visita do prelado, Isabel, Margarida e a sua prima Margaret Rhodes entoaram canções «com grande encanto».

O arcebispo comentou: «Era estranho pensar no destino que podia aguardar a pequena Isabel, nesse momento a segunda na linha de sucessão ao trono. Ela e a sua vivaz irmã mais nova são, sem dúvida, as crianças mais encantadoras.»⁹

O rei não estava tão encantado. Quando soube que o chefe ecuménico da Igreja Anglicana estava em casa dos York, desconfiou de que o irmão tentasse instalar uma corte rival. O conflito emergente centrava-se no desejo do rei de casar com Wallis assim que esta se divorciasse do marido, o agente de navegação Ernest Simpson. Nesse tempo, o divórcio não era apenas visto com maus olhos, era considerado um anátema pela Igreja. Como chefe secular da Igreja de Inglaterra, o rei não tinha o direito de casar com uma divorciada, ainda mais uma americana duplamente divorciada, sem posição nem estatuto. Por seu lado, o rei ameaçava renunciar ao trono se não obtivesse permissão para casar com a mulher que lhe roubara o coração.

Embora a imprensa britânica tivesse mantido o silêncio quanto ao próspero romance — fotografias do rei e Wallis durante um cruzeiro de verão a bordo do iate a vapor *Nahlin* apareceram em todo o lado, exceto em Inglaterra —, a potencial crise constitucional foi finalmente tornada pública no princípio de dezembro. Pôs em movimento uma série de eventos calamitosos que, involuntariamente, colocaram a princesa Isabel no centro do drama.

Por essa altura, Wallis tinha conseguido um decreto provisório do marido, mas tinha de esperar mais seis meses pelo absoluto, que lhe permitiria casar com o rei e tornar-se sua rainha. Apesar de um aviso duro do seu secretário privado principal, Alec Hardinge — apoiado pelo primeiro-ministro, Stanley Baldwin —, de que causaria danos irreparáveis à monarquia e, provavelmente, provocaria eleições gerais, caso prosseguisse naquele caminho, o rei estava decidido. Numa reunião tensa a 16 de novembro informou o primeiro-ministro da sua intenção de casar com Wallis Simpson assim que tivesse legalmente liberdade para isso. Se o governo se opusesse, simplesmente abdicaria. Mais tarde transmitiu a sua decisão à mãe e aos irmãos, que ficaram profundamente chocados, com a rainha Mary a procurar o conselho de um terapeuta para confirmar a sua conclusão de que o filho mais velho fora embruxado por uma feiticeira competente. O primeiro-ministro foi mais otimista, informando os seus colegas de gabinete de que a elevação dos York poderia ser a melhor solução, visto o duque de York ser muito mais parecido com o seu amado pai, o rei Jorge V.

Não que o príncipe Alberto, conhecido como Bertie, tivesse concordado, mas estava lenta e seguramente a ser enredado numa teia constitucional que não lhe deu oportunidade de escapar. Era um pesadelo. Embora houvesse alguma discussão quanto a o duque de Kent, o mais novo dos irmãos, poder assumir o trono por já ter um filho, os caprichos do destino apontaram para o segundo filho, o desafortunado Bertie. Este sempre partira do princípio de que o irmão um dia casaria e teria um herdeiro, que se tornaria soberano.

Enquanto o duque, tímido, acanhado e amaldiçoado com uma gaguez

congénita, revia relutantemente a mão de cartas que lhe davam agora, os seus pensamentos imediatos foram para a filha mais velha, cuja posição mudaria de segunda na linha de sucessão ao trono para presumível herdeira, uma futura rainha sentenciada a uma vida de dever e solidão pública.

Embora ele tivesse sérias dúvidas acerca de si próprio e da sua capacidade para assumir um cargo tão importante, admirava em silêncio a filha mais velha. Ela tinha caráter, qualidades sólidas que, como disse ao poeta Osbert Sitwell, o recordavam da rainha Vitória. Um elogio elevado, mesmo vindo de um pai dedicado que era, como Dermot Morrah, historiador real e amigo do novo rei, observou, «relutante em sentenciar as filhas à vida inteira de serviço constante, sem esperança de aposentação mesmo em idade avançada, que é inseparável do lugar mais alto de todos».¹⁰

A sua filha era muito mais pragmática e prática. Quando se tornou inevitável que o duque de York acedesse ao trono e que o seu amado tio, o rei Eduardo VIII, agora duque de Windsor, partisse para o exílio no estrangeiro, a princesa Margarida perguntou: «Isso quer dizer que vais ser rainha?» A irmã mais velha respondeu: «Sim, suponho que quer dizer isso.»¹¹ Não voltou a falar no assunto, exceto quando o pai mencionou casualmente que ela teria de aprender a montar de lado para o momento, de preferência num futuro muito distante, em que tivesse de se apresentar a cavalo na cerimónia anual Trooping the Colour, na Horse Guards Parade.

Embora estivesse, com alguma relutância, resignada a ser rainha, pensava, segundo a sua prima Margaret Rhodes, que esse momento ainda estava «muito longe».¹² Como medida de segurança, acrescentou às suas orações da noite a esperança fervorosa de ter um irmãozinho que, devido ao seu sexo, passaria à frente dela e se tornaria no herdeiro.

Embora a princesa Isabel aceitasse largamente a sua nova posição com a fleumática despreocupação da juventude, o pai reagiu de maneira diferente. «Foi-se abaixo e soluçou como uma criança» quando ele, a rainha Mary e o advogado do rei, Walter Monckton, foram colocados perante a Declaração de Abdicação.¹³ Na sexta-feira 11 de dezembro de 1936 — o ano dos três reis — a abdicação do rei foi anunciada, com o depois ex-rei a conduzir para o castelo de Windsor, onde fez a sua histórica transmissão, contendo a passagem memorável: «Descobri que era impossível carregar o pesado fardo da responsabilidade e cumprir os meus deveres enquanto rei, como desejaria, sem o apoio da mulher que amo.» Depois de elogiar as muitas qualidades genuínas de liderança cívica do irmão mais novo, salientou que «ele tem uma bênção incomparável, desfrutada por muitos de vós e que não me foi concedida — um lar feliz com a sua mulher e filhas».¹⁴

Menos feliz para a família em questão. O anterior duque de York, agora o novo rei, descreveu o importante evento como «aquele dia horrível»; a sua mulher, a nova rainha, estava prostrada na cama com uma gripe séria; contudo, no dia seguinte, as até então ignoradas e agora personagens centrais neste drama saudaram a sua nova posição na vida com uma mistura de excitação e aceitação irritada. Quando a princesa Isabel viu um envelope endereçado à rainha, até a sua atitude calma foi afetada. «É a *mamã*, não é?», comentou, enquanto a irmã mais nova lamentava o facto de terem de se mudar para o Palácio de Buckingham. «Mas é para sempre?», perguntou ela. «Aprendi agora mesmo a escrever “York”».¹⁵

No dia da proclamação — 12 de dezembro de 1936 —, ambas as raparigas abraçaram o pai antes de o novo rei, envergando o uniforme de almirante de frota, partir para a cerimónia. Depois de ele sair, Crawfie explicou que, quando regressasse, seria o rei Jorge VI e daí em diante elas teriam de fazer vénias aos pais, os novos rei e rainha. Elas sempre tinham feito vénias aos avós, o rei Jorge V e a rainha Mary, por isso não foi uma grande mudança.

Quando ele voltou, à 1 h da tarde, ambas as raparigas lhe fizeram bonitas vénias, e o comportamento das filhas trouxe para dentro de casa a sua nova posição.

Crawfie recordou: «Ele ficou parado por um momento, comovido e abalado. Depois inclinou-se e beijou ambas calorosamente. Em seguida tivemos um almoço hilariante.»¹⁶

Tal como o pai, Isabel tornara-se num símbolo vivo da monarquia; o seu nome era mencionado em preces, os seus feitos e os seus cães eram agora combustível para os jornais do pequeno-almoço, a sua vida era propriedade da nação. Tornou-se, juntamente com a menina-prodígio de Hollywood, Shirley Temple, o rosto mais famoso do mundo, objeto de maravilhamento e adoração.

A sua vida como princesa de conto de fadas era, na realidade, menos Disney e mais Irmãos Grimm. A nova vida das irmãs no Palácio de Buckingham, um lugar enorme e cheio de eco, com sombras sinistras, ratos a correr, quartos escuros e retratos cujos olhos seguiam quem passasse em bicos de pés diante deles, era uma mistura de excitação, tédio e isolamento. Era um lugar onde os pesadelos da infância ganhavam vida, onde a ronda diária do caçador de ratos real e a sua parafernália mortífera simbolizavam a realidade macabra por trás do percebido *glamour* régio. Embora Isabel fosse atirada para o seu círculo circunscrito de irmã, precetora, criada e ama, com os pais, uma presença distante e perturbada, tornou-se objeto de fascínio para milhões.



Em alguns aspetos, nada mudou realmente para a presumível herdeira. Isabel, com os seus resplandecentes caracóis louros, fora durante toda a vida um símbolo nacional. Nascida na quarta-feira 21 de abril de 1926, às 2h40 da madrugada, apenas dias antes da greve geral que tolheu a economia britânica, ela representava, no meio da crise nacional, valores de família, continuidade e patriotismo. Não só a sua chegada foi uma diversão bem-vinda em relação à luta diária pela sobrevivência, numa Inglaterra do pós-guerra avassalada por disputas e carências, como foi de certa forma medieval, misteriosa e bastante cômica.

Um costume real datando do século xvii decretava que o ministro do Interior estivesse presente no nascimento, para impedir que um impostor fosse introduzido no quarto. Mantendo a tradição, o então ocupante do cargo, William Joynson-Hicks, cuja mente agitada se ocupava a pensar em como derrotar os sindicatos no conflito que se avizinhava, sentou-se numa sala próxima no número 17 de Bruton Street, a casa em Londres da família da duquesa, durante o nascimento real.

Quando o bebé nasceu, o ginecologista real, Sir Henry Simson, entregou a Joynson-Hicks um documento oficial descrevendo os detalhes crus do nascimento de uma «rapariga forte e saudável». O certificado foi então entregue a um mensageiro especial, que se apressou a ir ao encontro do presidente do Conselho Privado para fazer o anúncio oficial. Ao mesmo tempo, o ministro do Interior informava o *lord mayor* de Londres, que afixou a notícia nos portões da sua residência oficial, a Mansion House.

No boletim oficial, assinado por Simson e pelo médico pessoal da duquesa, Walter Jagger, afirmava-se que antes do parto uma «certa linha de tratamento foi adotada com sucesso», sugerindo com decoro que a princesa nasceria de cesariana.¹⁷

Embora a criança adormecida fosse, em virtude do Act of Settlement de 1701, a terceira na linha de sucessão ao trono, atrás do pai e do príncipe de Gales, e não se esperasse que viesse a reinar, a sua linhagem era uma mistura preciosa do real, do exótico e do comum.

Embora a sua trisavó fosse a rainha Vitória, também estava ligada através da avó, a rainha Mary, ao dentista Paul Julius von Hügel, que exercia em Buenos Aires, a capital da Argentina. Do lado do pai predominava o sangue da realeza europeia, nomeadamente das casas germânicas de Saxe-Coburgo-Gotha e Hanôver, apesar de o mais intrigante ser a herança britânica da mãe.

Anthony Wagner, rei de armas principal da Jarreteira, notou que entre os muitos antepassados aristocratas de Isabel havia dois duques, a filha de um duque, a filha de um marquês, três condes, a filha de um conde, um visconde, um barão e meia dúzia de nobres rurais. Não era só a aristocracia que estava representada na sua linhagem, como também o mundo do comércio e da religião.

De acordo com Wagner, o seu *pedigree* hereditário incluía um diretor da Companhia das Índias Orientais, um banqueiro provincial, duas filhas de bispos, três homens do clero (um deles familiar do primeiro presidente da América, George Washington), um oficial irlandês e a sua amante francesa, um fabricante de brinquedos londrino e um canalizador da metrópole, assim como um tal Bryan Hodgson, proprietário da The George, uma estalagem para troca de cavalos em Stamford, no Lincolnshire.

Apesar de a sua ascendência representar uma ampla origem social, os nomes escolhidos pelos seus dedicados pais — Elizabeth Alexandra Mary — sugeriam o seu futuro destino como rainha. Outros concordavam, com o jornal *Daily Graphic* a observar de forma presciente: «A possibilidade de que na pequena estranha em Bruton Street possa haver uma futura rainha da Grã-Bretanha (talvez mesmo uma segunda e resplandecente rainha Isabel) é bastante curiosa.»¹⁸

O tio David tinha apenas 32 anos e esperava-se que casasse e tivesse um herdeiro, pelo que a probabilidade parecia remota. Contudo, não restavam dúvidas de que o bebé real fora acolhido no seio da nação. A julgar pelas multidões excitadas que se reuniam no exterior da sua casa em Bruton Street, havia algo de singularmente especial em relação a Elizabeth Alexandra Mary, talvez um reflexo do carinho que sentiam pela sua mãe, que, apenas três anos depois de casar com Bertie, era vista com elevada estima e afeto. Num relato autorizado da vida da duquesa, a biógrafa Lady Cynthia Asquith admitiu que se esforçara por encontrar algo mais do que uma doce perfeição no caráter da nova mãe.

As primeiras fotografias revelaram a princesa Isabel como um bebé extremamente bonito, com olhos azuis-claros, pele perfeita, branca e rosada, e uma melena de cabelo louro. Ou, como disse a rainha Mary, uma das primeiras visitas, «um amor, de compleição adorável e bonitos cabelos louros».¹⁹

Sem pronunciar uma palavra, empurrou os pais dos seus tranquilos bastidores da vida real para as primeiras páginas dos jornais e revistas. Foi a princesa Diana do seu tempo, cada migalha de informação transformada num banquete de coscuvilhice e especulação. Os jornais estavam simplesmente a satisfazer a demanda popular — semanas após o nascimento, o passeio à porta

da sua casa de Londres tinha tal multidão que muitas vezes ela tinha de ser levada no carrinho pela porta das traseiras, para o passeio diário.

No dia do seu batizado no Palácio de Buckingham, 29 de maio, era tal a multidão para ver o bebê que romperam o cordão policial no exterior do palácio. Antes de a ordem ser restaurada, uns poucos felizardos que rodeavam o carro dos York conseguiram um vislumbre do bebê que, segundo foi relatado mais tarde, chorara durante toda a cerimônia conduzida pelo arcebispo de York.

Após alguns meses, os York mudaram para o número 145 de Piccadilly, perto de Hyde Park, a residência de cinco andares complementada com salão de baile, elevador elétrico, biblioteca, sala de jantar para 30 pessoas e um *staff* de 17 serviçais, incluindo um mordomo, dois laçaios, um criado de quarto e três amas para cuidarem da recém-chegada. Contudo, num caso coletivo de miopia, os correspondentes descreveram amorosamente como os York tinham rejeitado o vistoso e ornamental, optando por uma vida de simplicidade, especialmente no berçário. Neste reino em miniatura reinavam a limpeza, a ordem e uma rotina sensata. Houve muitos acenos de aprovação quando foi revelado que a princesa apenas tinha permissão para brincar com um brinquedo de cada vez. Ironicamente, quando os pais voltaram de uma viagem de seis meses à Austrália, em 1927, trouxeram três toneladas de brinquedos para a menina a quem a imprensa chamava agora Betty.

Assim se desenvolveu o eterno paradoxo da realeza, ou da nossa percepção da realeza, de que eles são diferentes e ao mesmo tempo iguais a nós. Sem saber nada disto, a princesinha dormia a sono solto sob um enxoval de magia e mito, um cobertor fino onde novos fios eram constantemente entrelaçados, num *patchwork* de lenda e realidade. Era um cobertor que a acompanharia ao longo de toda a sua vida.

Quando começou a andar e a falar, a criança a quem apelidaram «bebê mais conhecido do mundo» já tinha aparecido na capa da revista *Time* sob o título PRINCESA LILIBET — uma referência à forma como ela pronunciava o próprio nome. Também aparecera em selos de correio, caixas de chocolates, latas de chá, panos da loiça, canecas comemorativas e outros artigos. Cantaram-se canções em sua honra, o museu Madame Tussauds instalou um trabalho de cera em que ela montava um pônei, enquanto os australianos deram o seu nome a um pedaço da Antártida. O único rival neste mar de adulação era o seu tio David, o príncipe de Gales, um verdadeiro galã internacional igualado apenas, durante o seu tempo de vida, pelo quebra-corações de Hollywood, Rudolfo Valentino.

A mãe ficou preocupada com a quantidade excessiva de atenção que ela

recebia. Durante uma visita a Edimburgo, em maio de 1929, escreveu à rainha Mary: «Quase me assusta que as pessoas a amem tanto. Suponho que é uma coisa boa, e espero que ela seja digna disso, pobre querida.»²⁰

À medida que os meses e anos passavam, os contornos da sua personalidade, real e imaginada, começaram a emergir. Frequentemente descrita como «querubínica» ou angelical, foi retratada como uma rapariga luminosa e bem-disposta, de espírito inocente e cativante, com temperamento enternecedor.

Quando a família real se reuniu em Sandringham para o Natal de 1927, foi descrita pela *Westminster Gazette* como «tagarela e risonha, bombardeando os convidados com estalinhos que a mãe lhe dava».²¹ Até Winston Churchill ficou impressionado. Numa visita a Balmoral, em setembro de 1928, escreveu à sua mulher, Clemmie: «Ela tem uma aparência de autoridade e reflexão surpreendente numa criança.»²²

Não tardaram a circular histórias sobre como a temerária rapariga domara o seu irascível avô, o rei Jorge V, que era conhecido por lançar o terror nos corações das crianças e dos criados mais velhos. Quando a princesa Isabel estava na sua presença, todavia, fazia tudo o que ela queria. O arcebispo de Cantuária relatou uma ocasião em que o monarca fez o papel de cavalo, levado em volta da sala pelo seu «moço de estrebaria» e neta, que lhe puxava a barba branca enquanto ele avançava de gatas pelo chão.

«Ele gostava dos dois netos, os filhos da princesa Mary», recordou o conde de Airlie, «mas Lilibet foi sempre a primeira na sua afeição. Costumava brincar com ela — algo que nunca o vi fazer com os próprios filhos — e adorava tê-la junto de si».²³ O facto de ela ser uma menina angelical, com uma imaginação viva e desembaraçada, particularmente em relação ao mundo dos cavalos, foi provavelmente a razão principal — como demonstra o facto de, quando ela tinha apenas 4 anos, o devotado monarca a ter presenteado com um pônei *shetland* chamado *Peggy*.

De facto, a sua capacidade para alisar a testa franzida do soberano — onde encontramos ecos da noção medieval de toque real curativo — tornou-se tema de conversa de toda a nação em fevereiro de 1929, quando o rei viajou para a estância à beira-mar de Bognor, na costa sul de Inglaterra, para recuperar de uma enfermidade quase fatal. A princesa, então com 2 anos, manteve o velho homem divertido com a sua tagarelice e foi muito apreciada pelo seu papel na recuperação. Adorava quando, mais tarde, ela lhe chamava Avô Inglaterra e era sempre atenta na sua companhia, ouvindo gravemente enquanto ele exaltava as virtudes do dever, da decência e do trabalho árduo.

A companhia constante de adultos indulgentes incentivou uma certa precocidade sincera. Quando estava a dar um passeio com o arcebispo de

Cantuária, Cosmo Lang, nos jardins de Sandringham, pediu que a conversa não fosse acerca de Deus. «Já sei tudo acerca d'Ele», disse solenemente a menina de 9 anos.²⁴

Isabel fez a sua primeira amiga fora da família real imediata quando estava em Hamilton Gardens e viu uma menina da sua idade a brincar. Era Sonia Graham-Hodgson, filha do radiologista do rei. «Queres vir fazer um jogo comigo?», perguntou a esguia criatura com uma voz que parecia um sino. Jogaram críquete francês durante uma hora, sob o olhar atento das respetivas amas. A partir de então encontravam-se praticamente todos os dias — até Isabel ter de se mudar para o Palácio de Buckingham. Ainda assim, durante muito tempo, a princesa considerou Sonia a sua melhor amiga. Até lhe dedicou um romance inacabado, *The Happy Farm*, escrito quando tinha 8 anos. A dedicatória dizia: «Para Sonia, Minha Querida Amiguinha e Amante de Cavalos».²⁵

Sonia tinha recordações felizes desta longa amizade: «Ela era uma criança doce e muito divertida. Teve sempre um grande sentido de humor e uma imaginação viva.»²⁶ A maior parte das brincadeiras envolviam cavalos, mas por vezes faziam de conta que eram convidadas para um grande baile e discutiam com seriedade o que gostariam de vestir. Antes da Segunda Guerra Mundial tiveram aulas de dança juntas; depois Isabel foi a convidada de honra no vigésimo primeiro aniversário de Sonia. Apesar da ascensão de Isabel, mantiveram-se em contacto e viam-se ocasionalmente em jantares ou para o chá da tarde.

A 21 de agosto de 1930, um companheiro de brincadeiras de um género muito diferente entrou na sua vida, quando a irmã Margarida Rosa nasceu em Glamis Castle, a assombrada casa ancestral da família Strathmore, localizada a norte de Dundee, na Escócia. Depois de as formalidades estarem tratadas — o novo ministro do Interior, John Robert Clynes, viajara para o reduto a norte para certificar o nascimento —, Isabel foi apresentada ao bebé. Ficou devidamente «encantada», especialmente quando percebeu que não era uma boneca perfeita mas uma irmã viva, apesar de profundamente adormecida.

Milhares de pessoas que desejavam exprimir as suas felicitações, algumas conduzindo de Glasgow e do sul da fronteira, juntaram-se às celebrações em Glamis Castle, onde se acenderam enormes fogueiras.²⁷ Tal como o nascimento da sua irmã mais velha alguns dias antes da greve geral, a chegada de Margarida funcionou como um contraponto alegre às negras nuvens económicas que tinham coberto a nação desde a queda da bolsa no mês de outubro anterior.

O sentimento temporário de deceção por a duquesa ter dado à luz uma

rapariga e não um rapaz serviu, mais uma vez, para reforçar a posição constitucional de Isabel. Conduziu a uma discussão franca sobre a proposta de que a Coroa podia ser tecnicamente partilhada entre as irmãs ou que a irmã mais jovem podia ter precedência. Tornou-se numa tal fonte de debate que o rei ordenou uma investigação formal ao incómodo assunto. Como o bom senso sugeria, foi oficialmente reconhecida a senioridade de Isabel. Os escrúpulos constitucionais de ser membro da família real foram levados para o ambiente doméstico pela duquesa, quando se tratou de dar o nome à segunda filha. Teve de aceitar que a decisão final era dos avós da menina, o rei Jorge e a rainha Mary, e não dos pais. Inicialmente, os York estavam decididos a que a filha se chamasse Ann Margaret, porque a duquesa achava bonito o nome Ann de York. Os sogros objetaram, preferindo Margaret Rose, sendo Margaret uma rainha escocesa e antepassado da família. A vontade do rei e da rainha prevaleceu. Esta não seria a última vez que eles interfeririam durante o crescimento das princesas reais. A mãe mordeu a língua e ocupou-se da recém-nascida. Estava ansiosa por descrever a sua personalidade a amigos e família. Numa carta para Cosmo Lang, o arcebispo de Cantuária, escreveu: «A filha número dois é muito simpática. Apraz-me dizer que tem grandes olhos azuis e uma vontade de ferro, que é todo o equipamento de que uma senhora precisa! E enquanto ela conseguir disfarçar a vontade e usar os olhos, tudo correrá bem.»²⁸

A chegada de Margarida Rosa acrescentou um novo ator ao melodrama real. Agora eram um quarteto completo — «Nós os quatro», como o duque repetia infindavelmente —, representavam a casa, o lar e a família. Numa época de incerteza, desemprego em massa e pobreza, eram a materialização de um ideal de gente normal, decente e temente a Deus, que vivia com modéstia e sensatez. Apesar de residirem numa casa grandiosa e exclusiva, adjacente a Hyde Park, com salão de baile e elevador elétrico, era o facto de preferirem uma confortável vida caseira à sociedade dos cafés que garantia a sua popularidade.

Esta união entre a nação e a família foi ilustrada quando o povo de Gales, a zona mais pobre do reino, presenteou a princesa Isabel com uma casa em miniatura, chamada Y Bwthyn Bach — A Casinha —, no seu sexto aniversário. Desenhado por Edmund Willmott, o chalé com telhado de colmo, com dois terços da escala de uma casa normal, era uma criação magnífica que até tinha eletricidade, água corrente e um autoclismo. Havia caçarolas e frigideiras, livros de Beatrix Potter, latas de comida e mesmo um fogão a gás — tudo à escala. Foi instalada na Royal Lodge, a casa agora dilapidada dos York em Windsor Great Park.

As princesas ficaram deslumbradas com o presente e passaram horas a

limpar, esfregar, envernizar e «cozinhar». Isabel enrolava as pratas em jornal para não perderem o brilho, enquanto a maior alegria de Margarida era subir e descer as escadas a correr e abrir o ralo na casa de banho para ouvir a água a gorgolejar nos canos. Fotografias oficiais sancionadas pelo palácio, com as meninas diante da porta do chalé ou a brincar com os seus adorados cães *corgi* no jardim da casa davam ao público uma janela para as suas vidas inocentes, cimentando ainda mais o laço geracional entre a família real e os seus súbditos. Avaliando o fascínio ávido do público pelas duas princezas, Alan «Tommy» Lascelles, o secretário privado do rei, descreveu-as como «Mascotes do Mundo».²⁹

A sensação de que as jovens princesas eram, de alguma forma, filhas da mais ampla família nacional foi reforçada pela publicação autorizada em 1936 — meses antes da abdicação — de um livro de fotografias intitulado *As Nossas Princesas e os Seus Cães*, que fazia amorosamente a crónica dos oito cães, incluindo dois *corgis*, que eram propriedade da família, e o lugar central que estes ocupavam nas suas vidas quotidianas. O livro também constitui uma comovedora alegoria da relação íntima entre a realeza e o seu povo, simbolizando esse compacto imutável que havia de ser pressionado, mas não quebrado, antes de o ano terminar.

Embora os *corgis* das meninas, *Dookie* e *Lady Jane*, fossem companheiros constantes, os animais que dominavam o reino infantil de Isabel eram os seus cavalos, reais, inanimados e imaginados. Apesar de os *corgis* se tornarem sinónimos da sua vida e reino, a sua primeira paixão foi pelo mundo equestre e o clássico muitas vezes lido de Anna Sewell, *Beleza Negra*, era o seu testemunho de cabeceira desse amor. «Se alguma vez for rainha, farei uma lei para não haver corridas aos domingos. Os cavalos também devem descansar», pronunciou certa vez com gravidade.³⁰ Os equídeos consumiam-na completamente na infância, desde puxar o rei pela barba em volta do quarto até transformar um colar de pérolas numa rédea para executar a mesma manobra com a biógrafa da duquesa, Lady Cynthia Asquith, e brincar aos cavalos de circo em Birkhall, na Escócia, com a sua prima Margaret Rhodes, onde era «obrigatório relinchar».³¹ Lesões sofridas mais tarde, nomeadamente quando foi atirada contra uma árvore e, noutra ocasião, escoiceada no queixo, nada conseguiram para diminuir o seu entusiasmo. Quando tinha 5 anos participou numa cavalgada com os Pytchley Hounds, o pai esperando que ela tivesse o seu «batismo de sangue» se houvesse um abate. Não houve.

Quando a nova precetora, a escocesa Marion Crawford, entrou no seu quarto em Royal Lodge, em outubro de 1933, a sua primeira conversa foi acerca dos dois interesses permanentes na vida de Isabel, os cavalos e a irmã bebé,

Margarida Rosa. Tinham-lhe permitido ficar acordada até tarde para conhecer a mulher a quem mais tarde chamaria Crawfie, e estava sentada na cama de madeira, conduzindo cavalos imaginários através do parque. Como rédeas usava as fitas do roupão amarradas à cabeceira da cama. «Viu a Margarida?», perguntou a princesa. «Espero que esteja a dormir. É amorosa, mas por vezes muito marota. Também vai ensiná-la e brincar com as duas? Deixa-me conduzi-la pelo jardim?»³²

Durante muitos anos, Crawfie, enquanto acompanhante e professora das raparigas, desempenhou o papel de um dócil cavalo de trabalho, fazendo entregas de mercearias e outros bens à vizinhança. Durante esses momentos de brincadeira, Crawfie teve um vislumbre da imaginação viva de Isabel, especialmente quando era a própria princesa a entregar os bens, como Crawfie recordou: «Então ocorria a conversa mais maravilhosa — sobre o tempo, os cavalos dos donos das casas, os cães, as galinhas, as crianças e os homens.»³³

Crawfie percebeu rapidamente que o interesse de Isabel por tudo o que se relacionasse com cavalos era mais do que uma paixão; raiava uma obsessão, um primeiro e longo amor. A princesa dizia muitas vezes que, se não fosse quem era, gostaria de ser uma senhora a viver no campo, com muitos cavalos e cães.³⁴ Por vezes também dizia que gostaria de ser uma agricultora com vacas, cavalos e filhos.³⁵

Quando se mudou para o Palácio de Buckingham, o ponto alto da sua semana era a lição de equitação com o instrutor Horace Smith. Falava com conhecimento de causa de escoriações, cilhas e escovagem, uma indicação de que o seu interesse pelos cavalos não era só relativo a montá-los como também a cuidar deles.

A princesa era tão protetora dos cerca de 30 cavalos de madeira que atulhavam o quarto das crianças no quinto andar que, quando a família estava prestes a mudar para o Palácio de Buckingham, deu o seu favorito, *Ben*, à sua amiga Sonia, para que lho guardasse. Este foi devolvido duas semanas mais tarde, depois de os outros cavalos terem sido desempacotados e alinhados no corredor onde ficava o seu quarto.³⁶

Para Isabel, montar a cavalo era uma oportunidade de ser ela própria, de desfrutar de controlo num cenário socialmente aceitável. Tanta da sua rotina diária estava fora das suas mãos: Bobo escolhia a sua roupa, Alah a ementa, Crawfie organizava-lhe as lições, os pais, avós e os homens de fato no Palácio de Buckingham definiam-lhe o futuro. Passou por uma fase em que acordava várias vezes por noite para se assegurar de que as suas roupas estavam dobradas e os sapatos alinhados. Era controlo, mas sob outra forma.

A sua educação era um exemplo clássico da batalha contínua pelo coração

e pela mente da presumível herdeira. Enquanto o avô, o rei Jorge V, berrava para Crawfie «Por amor de Deus, ensine a Margarida e a Lilibet a escreverem com uma caligrafia decente, é só isso que lhe peço»³⁷, a rainha Mary estava muito mais envolvida. Censurava o horário acadêmico de Crawfie, a matriarca real sugerindo mais leitura da Bíblia e da história dinástica. A maioria das segundas-feiras, incógnita, levava as meninas em excursões educativas ao Royal Mint, à Torre de Londres, ao Banco de Inglaterra e a galerias de arte. Estas visitas nem sempre corriam como planeado. Numa ocasião, a comitiva visitava o armazém Harrods quando uma multidão começou a estender o pescoço para ter um vislumbre da princesa. Isabel ficou tão empolgada com a ideia de tantas pessoas quererem vê-la que a avó, não desejando que o momento de estrelato lhe subisse à cabeça, a fez sair por uma porta das traseiras.

Foi a rainha Mary — líder da facção do palácio que também incluía Owen Morshead, o bibliotecário real, e a formidável Lady Cynthia Colville, a principal dama de companhia da rainha — que sentiu que a educação de Isabel era muito feminina e informal. Havia pouco reconhecimento no seu currículo do seu possível papel e nas responsabilidades futuras como rainha. Segundo Lady Cynthia, «nenhum Bowes-Lyon alguma vez se preocupou minimamente com as coisas da mente». Esta era uma opinião que o fiável cronista real, Dermot Morrah, considerava um pouco dura, visto a família ter produzido três poetisas.³⁸

A mãe das princesas tinha uma opinião muito diferente. Ela e o duque não estavam excessivamente preocupados com a educação académica das filhas. A última coisa que queriam era um par de intelectuais, raparigas mais espertas do que seria proveitoso para elas. Como Crawfie observou: «O que mais queriam para elas era uma infância feliz, com muitas lembranças agradáveis armazenadas, para compensar os dias que podiam vir, e, mais tarde, casamentos felizes.»³⁹ Por seu lado, a duquesa de York tinha sido criada ao ar livre, com um pouco de francês e umas palavras de alemão. Os seus pais, o conde de Strathmore e Kinghorne, e a sua mulher, Cecilia Cavendish-Bentinck, tinham educado a filha mais nova em casa, com uma preceptora, enviando-a para uma escola diurna privada em Londres quando ela já tinha 8 anos. Houvera mais preocupação quanto ao arranjo de uma jarra de flores, costura, executar uma dança escocesa e recitar poesia do que na aprendizagem do grego ou do latim. A jovem Elizabeth Bowes-Lyon foi ensinada a ser educada, a receber visitantes, onde encontrar salmão, quando apanhar pássaros mortos durante uma caçada e como manejar uma espingarda. Não era, contudo, intelectualmente desleixada. Quando finalmente frequentou a escola, passou no exame local de Oxford com distinção com apenas 13 anos.

Literatura e as Escrituras eram as suas principais forças escolásticas, por isso não era de surpreender que a duquesa insistisse em ensinar histórias da Bíblia às raparigas, no seu quarto, todas as manhãs. Gentileza, cortesia e valores cristãos eram importantes e a duquesa acreditava que um caráter decente, uma bússola moral e uma consciência sensível das necessidades dos outros eram tão importantes, se não mais, do que os empreendimentos intelectuais. Numa carta para o marido, apresentou as suas críticas. Recordou que o próprio pai dele perdera a afeição dos filhos porque lhes gritava.

No meio disto tudo estava a contratada Marion Crawford, de apenas 22 anos. Embora fosse licenciada pela Faculdade de Educação de Moray House, em Edimburgo — a futura *alma mater* da autora de *Harry Potter*, J. K. Rowling e do ciclista olímpico medalha de ouro Chris Hoy —, estava muito fora de pé no que dizia respeito às andanças das políticas palacianas. Na verdade, os York tinham escolhido Crawfie precisamente por ela ser bastante jovem para se juntar com entusiasmo às brincadeiras das crianças.

As aulas, que incluíam Matemática, Geografia, Poesia — tudo o que dissesse respeito a cavalos captava a atenção de Isabel — e Gramática Inglesa tinham lugar apenas na parte da manhã, entre as 9h30 e as 12h30, com 30 minutos de intervalo para um lanche. Também havia interrupções frequentes para consultas no dentista e idas à cabeleireira e à modista, e Crawfie sentia que a educação não era uma grande prioridade para a duquesa.

Qualquer tentativa de Crawfie para prolongar o horário escolar enfrentava a resistência da duquesa, que gostava que as meninas desfrutassem de brincadeiras ao ar livre. Muitas vezes o duque juntava-se-lhes em jogos da macaca, escondidas e sardinha, em Hamilton Gardens, nas traseiras da sua casa. À medida que se tornava mais confiante, Crawfie levava as meninas para mais longe, organizando viagens no metro, passeios de barco no Tamisa e até, por insistência de Isabel, uma excursão no andar superior de um autocarro. Tornou-se rapidamente claro para ela que as raparigas estavam ansiosas por experimentar o que era normal para as outras crianças.

As raparigas, assim como a amiga de Isabel, Sonia Graham-Hodgson, tinham aulas de dança semanais com Marguerite Vacani, nas quais Isabel se revelou talentosa em danças escocesas. Porém, os bailarinos de sapateado de Hollywood, Fred Astaire e Ginger Rogers, eram os mais apreciados. Durante algum tempo, o êxito de 1935 «Cheek to Cheek» foi o favorito de Isabel.

Também estavam inscritas em aulas de música com Mabel Lander, uma aluna da Segunda Escola de Viena. Isabel, por vezes acompanhada pela mãe, cantava baladas inglesas, espirituais afro-americanos e árias escocesas — «The Skye Boat Song» foi um favorito por muito tempo. Quando Margarida atingiu

idade suficiente para se juntar, a irmã mais velha ficou imediatamente impressionada com a sua capacidade para aprender música de ouvido. As aulas de Francês, que habitualmente ocorriam quando Crawfie estava de folga, não eram tão populares. Numa ocasião, provavelmente em protesto pelos enfadonhos métodos de ensino, uma entediada Isabel pegou num tinteiro de prata e despejou-o nos seus caracóis loiros. A professora de Francês, Mademoiselle Lander, teve um ataque de histeria e deixou outros a limpar os estragos.

Aulas de música, dança e desenho, intercaladas com ocasionais aulas de francês, estavam muito bem, mas Crawfie sentia que as meninas precisavam do estímulo e companhia de crianças da sua idade. «Nesse tempo vivíamos numa torre de marfim, afastada do mundo real», recordou no seu livro de memórias *The Little Princesses*.⁴⁰

Uma das suas concretizações mais gratificantes ocorreu em 1937, quando organizou um grupo de guias que se reunia no Palácio de Buckingham todas as semanas. Por uma vez, as irmãs podiam misturar-se com crianças da sua idade — o grupo de 34 crianças incluía filhas de empregados do palácio, de amigos e de cortesãos. Isabel era assistente da sua prima mais velha, Lady Pamela Mountbatten, na patrulha Kingfisher, enquanto Margarida, que era demasiado jovem para as guias, estava na especialmente criada patrulha Brownie.

Felizmente tinham crianças da sua idade com quem brincar, visto ter havido uma enorme alteração nas suas vidas ao mudarem para os seus aposentos no Palácio de Buckingham na primavera desse ano. Agora, quando Isabel saía era acompanhada por um detetive que, para grande divertimento das raparigas, tinha a capacidade de se tornar invisível. Isabel falava agora do rei e da rainha e não da mamã e do papá, e passava mais tempo a fazer vénias e a recebê-las do que no número 145 de Piccadilly. Até as ementas do infan-tário eram em francês — tal como as que eram apresentadas ao rei e à rainha. Quanto às marotas lutas de almofadas e outras travessuras que pontuavam a sua vida em Piccadilly, não tardariam a tornar-se numa memória distante. Os seus pais estavam demasiado ocupados.

Além de jogar à laranjinha nos longos corredores do palácio, havia uma vantagem em ser princesa ali. A jovem princesa descobriu que o ato de passar diante das sentinelas que guardavam a sua nova casa as obrigava a apresentarem armas. Andar para trás e para a frente diante de uma sentinela era um jogo de que Isabel nunca se fartava.

A ultrapassar esta delícia havia a excitação que rodeava a coroação, marcada para maio de 1937. A rainha Mary viu o evento como uma oportunidade didática, levando um panorama da coroação do rei Jorge IV em 1821 para o

infantário e tratando de ensinar às princesas o simbolismo e o significado da coroação. No final, segundo Crawfie, Isabel era uma perita. Talvez tão empolgantes como estes cerimoniais e rituais fosse a perspectiva de usarem os seus primeiros vestidos compridos e os diademas desenhados pelo pai. «Vieram ao meu encontro muito timidamente», recordou Crawfie, «um pouco assustadas com o seu próprio esplendor e os seus primeiros vestidos longos.»⁴¹

Devido à sua atitude maternal séria, o que mais preocupava Isabel, então com 11 anos, em relação à coroação era se a sua irmã mais nova, com 6, se portaria bem. Lembrava-se de quando fora dama de honor no casamento do seu tio, o duque de Kent, com a princesa Marina, da Grécia e Dinamarca, na abadia de Westminster, em novembro de 1934, e Margarida tivera licença para se sentar com a mãe. Contudo, quando a irmã mais velha aparecera a caminho do altar, segurando o véu da noiva, Margarida acenara-lhe, possivelmente numa tentativa marota de a distrair dos seus deveres solenes. Mas Isabel não se deixara distrair. Lançara à irmã um olhar severo e abanara a cabeça para dissuadi-la de mais traquinices. Isabel não queria que isso se repetisse na coroação. No final teve o prazer de relatar a Crawfie que a irmã se comportara muito bem. Isso era ainda mais digno de louvor porque ambas as raparigas tinham estado acordadas na maior parte da noite devido aos cânticos e conversas da multidão que aguardava no exterior do palácio.

A princesa Isabel registou as suas recordações desse dia histórico num caderno de linhas atado com uma fita cor-de-rosa, com uma inscrição tocante a lápis vermelho na capa. Dizia: «A Coroação, 12 de maio de 1937. Para a Mamã e o Papá em memória da sua Coroação, da Lilibet e escrito por ela própria.»⁴²

Descrevia como fora acordada pela banda dos Royal Marines à janela do seu quarto. Depois, embrulhadas num edredão, ela e Bobo MacDonald «tinham-se agachado junto da janela, contemplando uma manhã fria e enevoadas».⁴³ Depois do pequeno-almoço as meninas vestiram-se e desfilaram nas suas roupas requintadas antes de irem visitar os pais, que se preparavam para o grande dia.

Depois de lhes desejarem boa sorte, as princesas e a rainha Mary subiram para uma carruagem de vidro, para uma «agitada» viagem até à abadia de Westminster.

A princesa ficou hipnotizada pela elaborada coreografia da coroação e desapontada por a avó não se lembrar de muito acerca do seu grande dia. A certa altura dos procedimentos, quando as orações pareciam intermináveis, Isabel olhou para o programa e apontou a palavra *Finis*, com a princesa e a avó desfrutando de um momento de cumplicidade.